

## VIII

**Palavras de um batalhador**

No encerramento de nossas tarefas, na reunião da noite de 29 de Abril de 1954, fomos agradáveismente surpreendidos com a visita do Professor Cicero Pereira, que foi valoroso batalhador do Espiritismo, em Minas Gerais, onde é vastamente conhecido e carinhosamente lembrado por sua grande bagagem de serviço, como Presidente da União Espírita Mineira, sediada em Belo Horizonte, e como devotado irmão de todos os companheiros de nossa Causa. Aqui consignamos a valiosa mensagem psicofônica que nos deixou.

Meus amigos, peçamos, antes de tudo, a Nossa Senhor Jesus-Cristo nos ampare o trabalho.

Não pude furtar-me à alegria de visitá-los, ainda mesmo de escantilhão.

Grande é a nossa esperança, observando a plantação de luz a que se devotam.

Além disso, não posso esquecer que tenho aqui bons amigos, a começar pelo nosso Rocha (1).

Meus caros, a surpresa dos espíritas, depois do túmulo, chega a ser incomensurável, porque frequentemente mobilizamos os valores de nossa fé com a pretensão de quem se julga escolhido à frente do Senhor.

Aguardamos, para além da morte, uma feli-

(1) Reporta-se o visitante espiritual ao nosso companheiro Geraldo Benício Rocha, de quem foi amigo íntimo.  
— Nota do organizador.

cidade que nem de longe, no mundo, cogitamos de construir.

Somos aprendizes novos do Evangelho.

Isso é verdade.

Mas estamos sempre interessados em conduzir ao Cristo os nossos problemas, completamente despreocupados quanto aos problemas do Cristo, a nosso respeito.

Buscamos nossa própria imagem no espelho da Graça Divina. Somos velhos Narcisos encarcerados na própria ilusão.

E admitimos que não há dores maiores que as nossas e que as nossas necessidades superam as necessidades dos outros.

Por esse motivo, o tempo estreito de permanência no corpo carnal apenas nos favorece, na maioria das vezes, mais densa petrificação de egoísmo, na concha de nossa antiga vaidade.

Somos leitores de livros admiráveis.

Comovemo-nos e choramos, ante os valores iluminativos com que somos agraciados, entretanto, depois do contacto com o pensamento sublime de nossos orientadores, eis-nos arrojados ao esquecimento de todos os dias, como se padecêssemos irremediável amnésia, diante de tudo o que se refira às nossas obrigações para com Jesus.

Em nossas casas doutrinárias, intensificamos disputas em torno da direção humana, magnetizados pelos aspectos menos dignos da luta que fomos chamados a desenvolver e, muitas vezes, no intercâmbio com os nossos irmãos tresmalhados na sombra, martelamos preciosas lições de caridade e fé viva, compreensão e tolerância, olvidando que os chamados "espíritos sofredores", em muitas ocasiões, são trazidos até nós por vanguardeiros da Luz Divina, interessados em nossa renovação, enquanto há "melhor tempo".

Ai de nós, porém!...

Dos conflitos inadequados em nossos templos de fé, sómente recolhemos frutos amargos, e das

mensagens pontilhadas de aflição, que guardam o objetivo de reabilitar-nos para o Senhor, apenas retiramos impressões negativas, de vez que nos movimentamos no círculo de nossas responsabilidades, crendo-nos na condição de cooperadores vitoriosos, quando, no fundo, perante os Benfeiteiros da Espiritualidade Superior, somos simplesmente companheiros em perigo, com imensas dificuldades para satisfazer ao próprio reajuste.

Estejam vocês convencidos de que para nós, os espíritas desencarnados, há uma tarefa espinhosa, com a qual não contávamos.

Por mais estranho nos pareça, somos geralmente situados em serviços de orientação, junto aos companheiros que ficaram.

Espíritas com espíritas, como irmãos enlaçados no mesmo dever a cumprir.

Alijados do corpo, contudo, é que vemos quão difícil se faz o concurso eficiente aos corações cerrados à luz e quão sacrificial se nos revela o socorro a doentes que não se interessam pela própria cura!

Identificamos, então, o princípio de correspondência. Colocados na posição daqueles que anteriormente nos dirigiam, reconhecemos quanta impermeabilidade oferecíamos, no mundo, aos que nos acompanhavam abnegadamente de perto.

Tão logo descerrei os olhos, ante o esplendor da verdade, encontrei nosso velho amigo Senra (1), notificando-me, bem humorado:

— Cícero, agora é o seu tempo de experimentar o novo trabalho que vive em nossas mãos...

E, desde essa hora, eu que retinha a veleidade de condutor, embora a insipienteza do aprendiz de Evangelho que ainda sou, comecei a entender alguma coisa do serviço gigantesco que nos compete impulsionar para a frente.

(1) Refere-se o comunicante ao Dr. Ernesto Senra, antigo lidador do Espiritismo, em Minas Gerais, desde muito desencarnado. — Nota do organizador.

Afeiçoados à nova máquina de ação, sofremos o cuidado de não traír a harmonia.

Porque é preciso equilibrar nossos passos, a fim de orientar com segurança os passos alheios, disciplinar-nos dentro das responsabilidades que abraçamos para não ameaçar o trabalho daqueles que nos cercam.

Ouvir mais.

Fazer mais.

E falar menos.

Difícil é suportar na cabeça o título de servidor da Boa Nova, que, entre os homens, pode ser uma palma florida, mas que se converte aqui em coroa de fogo, tal a preocupação com que nos cabe aprender a auxiliar e a renunciar para que o carro de nossos princípios avance sobre os trilhos da ordem.

Registando-nos a experiência, esperamos que vocês vejam mais tarde para cá movimentando melhores recursos.

Reconheço que há muito ainda a dizer.

Entretanto, o horário está a esgotar-se.

Conosco, temos outros irmãos que lhes deixam afetuosa visita.

Nossos amigos Hanriot, Mata Simplicio e ainda o nosso Efigênio (1) partilham-nos a oração.

Todos agora padecemos o mesmo mal — o inquietante privilégio de colaborar numa realização, cuja magnitude efetivamente nos esmaga.

Façamos o melhor de nossa parte, na convicção de que o Senhor não nos desampara.

E, agradecendo a satisfação desta hora, deixo aos queridos companheiros o meu coração reconhecido.

CÍCERO PEREIRA

(1) Reporta-se o visitante a companheiros espíritas de Belo Horizonte, já desencarnados. — Nota do organizador.